

4

A Percepção dos Aspirantes

4.1

A discussão prévia

A primeira atividade interpretativa adotada nesta pesquisa, como já mencionado no capítulo sobre metodologia, consistiu na discussão de tópicos relacionados a apresentações orais de um modo geral e, especificamente, apresentações com o recurso digital a ser utilizado no trabalho proposto. Essa discussão foi conduzida em 13 pequenos grupos, de três ou quatro participantes, e envolveu um total de quarenta e seis aspirantes. Como também já anteriormente dito, tanto a discussão oral foi conduzida em inglês quanto o registro escrito das opiniões do grupo foi feito nessa língua, um procedimento que se justifica por estar alinhado com a prática pedagógica da instituição e por criar oportunidades de aprendizagem que poderiam vir a ser úteis quando da implementação das apresentações individuais. Os registros das opiniões de cada grupo encontram-se transcritos no Anexo 2, e, para efeito deste relatório da discussão, a cada grupo foi aleatoriamente atribuído um nome, de A a M.

4.1.1

Uma boa apresentação

A primeira pergunta proposta visava avaliar as expectativas do grupo, e para tanto pedia que enumerassem as principais características de uma boa apresentação, justificando sua escolha. Em sua maioria, os aspirantes referiram-se ao “conhecimento do assunto”, que contribui para uma atitude de autoconfiança e transmite credibilidade. Nas palavras do grupo D, esse conhecimento permite responder a perguntas e prender a atenção dos espectadores. É interessante notar a distinção feita entre “memorizar” e “conhecer”; segundo o grupo B, não se deve memorizar, mas compreender o assunto, pois num eventual esquecimento será

possível reorganizar mentalmente o discurso. Esse tipo de resposta denota a percepção de que a memorização é algo superficial e temporário, enquanto o conhecimento é algo bem mais profundo e duradouro.

As respostas demonstram também a percepção da necessidade de adequar-se o discurso à platéia, como expressa o já mencionado grupo B - “você tem que saber para quem vai fazer a apresentação”, e, de modo mais específico, o grupo E – “é importante conhecer o tipo de audiência para o qual você falará, para escolher as palavras e expressões corretas”. Nas duas opiniões está presente a noção de que o sucesso da apresentação depende de sua compreensão por parte de quem assiste, o que ficou claro durante a discussão pós-apresentação, na qual os integrantes do grupo E referiram-se a apresentações no meio militar, com seu jargão específico, ou destinadas ao público civil, com vocabulário mais geral. Nessas opiniões transparece a importância das funções ideacional, interpessoal e textual, sugeridas por Halliday (1985) para que os propósitos da interação sejam realizados pela linguagem, como discutido na seção 2.1.3 do capítulo de Fundamentação Teórica deste trabalho.

Ainda relacionadas à interação com a platéia, as opiniões ressaltam a importância de calma e autoconfiança, as quais permitem atrair “atenção e credibilidade” (grupo K). O grupo C recomenda “relaxar durante a apresentação” e “praticar bastante antes dela”, acrescentando a necessidade de “mostrar sua autoconfiança”, comentário que interpretei como demonstrar estar seguro de si, e que foi posteriormente confirmado na discussão pós-apresentação, com a justificativa de que é essa a atitude que se espera de um militar. Tal justificativa espelha o desejo de conseguir e garantir a posição de membro atuante da comunidade de prática (WENGER, 1998), como discutido na seção 2.2.1.

Outro item frequentemente mencionado é a importância da linguagem corporal durante as apresentações, o que me leva a supor que a mencionada exibição de autoconfiança se faça também através da postura e da movimentação. O grupo J menciona “expressão corporal”, sem acrescentar detalhes, mas o grupo M usa a mesma expressão e acrescenta a importância de “olhar para todos”, o que demonstra a percepção da interatividade inerente às apresentações, nas quais o olhar é um canal de comunicação pelo qual trafegam entendimento, dúvida, apreciação ou crítica. Kress e Van Leeuwen (2000) referem-se aos “vetores”

formados pelas linhas de olhares, e mencionam a conexão estabelecida entre os participantes. O apresentador atento capta no olhar da platéia o sucesso ou não de seu discurso.

Quanto ao conteúdo verbal, o grupo C afirma que se deve “ter cuidado com as palavras”, o que pode ser interpretado de vários modos, como a escolha entre o jargão militar ou um vocabulário mais abrangente, o cuidado em não ofender algum tipo de platéia ou causar embaraço. As hipóteses são todas válidas, mas, a julgar pelo que o próprio grupo sugere em resposta a outra pergunta, a preocupação se refere ao uso da língua estrangeira para fazer a apresentação. Em suas palavras, é preciso “saber o mínimo de vocabulário necessário para expressar sua opinião aos demais”. Essa preocupação é também demonstrada pelos grupos E e G, sendo que este último afirma ser importante usar-se o que interpretei como “vocabulário compreensível”. Minha impressão foi posteriormente confirmada, durante a segunda discussão. O grupo H menciona o uso de “vocabulário específico”, o que interpretei como “adequado ao tema da apresentação”, e o grupo I sugere que se use “vocabulário simples”, o que interpretei à luz do cenário de apresentação em língua estrangeira para uma platéia constituída de aprendizes, e me pareceu demonstrar a consciência de limitações lingüísticas de ambas as partes.

Aliada à fluência verbal parece estar a importância dada aos aspectos de prosódia no discurso. O grupo A menciona “eloqüência”, o que normalmente se associa não apenas às palavras escolhidas mas ao modo como são pronunciadas, às pausas de efeito retórico, à entoação. O grupo B afirma que se deve “falar claramente, nem muito rápido nem muito devagar”, o grupo H menciona “boa expressão oral”, o que interpretei como fluência no idioma, o grupo J claramente se refere ao “tom de voz”, o que remete à eloqüência e à capacidade de se fazer ouvir e ser compreendido, e o grupo M destaca “entoação e pronúncia”. Todos esses aspectos configuram a preocupação adicional que o desafio proposto por uma apresentação em língua estrangeira representa. É interessante notar que as perguntas projetadas referiam-se a apresentações em geral, mas o contexto em que a atividade foi proposta, em sala de aula de língua estrangeira, e o conhecimento de que teriam de produzir e implementar uma apresentação como parte do sistema

institucional de avaliação, fez com que naturalmente as atenções se voltassem para esse tipo de dificuldade a ser enfrentada.

Além do conhecimento do assunto, do conhecimento da platéia, da autoconfiança, da linguagem corporal, e do domínio do idioma, tanto em termos de vocabulário quanto de pronúncia, outras características repetidamente mencionadas dizem respeito à organização das apresentações. Os aspirantes do grupo A citam, em sequência, “conhecimento, concentração, eloquência e organização”, como se esta fosse o somatório das primeiras, os do grupo H se referem à “organização lógica de tópicos”, e os do grupo I referem-se a “falar sobre os pontos importantes”. Quanto ao modo de conduzir a apresentação, o grupo E afirma que esta “deve ser dinâmica”, o grupo F sugere que seja “objetiva, sem uso excessivo de efeitos sonoros ou visuais”, para não distrair a platéia, e o grupo G sugere que seja “direta”.

De um modo geral, esta foi a visão do grupo de aspirantes, durante a fase de preparação para a atividade; visão que talvez encontre sua melhor expressão na voz do grupo L, que relatou sua opinião de forma sintética e objetiva. A seu ver, uma boa apresentação é “simples (as pessoas compreendem), objetiva (contém apenas informação relevante), útil (tem aplicação prática) e interessante (prende a atenção de quem assiste)”. Meu estudo sugere que esta visão reflete as atitudes da comunidade de prática da Escola Naval, onde simplicidade e objetividade ajudam os aspirantes a desempenhar com presteza e eficiência as funções de que são incumbidos pelos oficiais, a aplicação prática das tarefas é considerada fundamental, e o interesse despertado indica que o trabalho foi bem feito. Em suma, a visão reflete os valores pelos quais a vida militar é pautada, ou seja, o respeito às normas estabelecidas, a observância à hierarquia, e o orgulho pelo dever cumprido com competência.

4.1.2

O uso de Power Point

A segunda pergunta tinha por objetivo verificar a percepção dos aspirantes quanto à contribuição dos elementos visuais oferecidos por Power Point no discurso. A investigação partiu do princípio de que todos os aspirantes já haviam sido expostos a apresentações em que o recurso Power Point havia sido usado,

uma vez que todas as salas da Escola Naval são equipadas com data-show, e todos os docentes encorajados a utilizar esse recurso em suas aulas. Com base nessa evidência é lícito supor que, ao menos como espectadores, todos os aspirantes já tivessem tido a oportunidade de participar do espaço retórico “apresentação com o uso de Power Point”, e tivessem, portanto, opinião formada a esse respeito.

Para os membros de oito dos treze grupos, a principal contribuição do recurso é a de atrair e manter a atenção da audiência, tornando a apresentação mais dinâmica e interessante. Os grupos A, D, G, H, I, J, K, e L referem-se explicitamente ao fator atenção, considerado, naturalmente, primordial para o sucesso de uma apresentação.

Aliado ao fator atenção, foi também mencionado que o recurso digital contribui para a compreensão do assunto sendo apresentado. O grupo B, por exemplo, que ao discorrer sobre a primeira pergunta estabeleceu uma diferença entre “memorizar” e “compreender”, reitera que “figuras e elementos visuais usados com a palavra escrita, **e com bom senso** (grifo meu), farão seu público reter a informação.” Durante a discussão pós-apresentação, o grupo esclareceu que o “bom senso” refere-se ao uso de fontes com tamanho e forma que facilitem a leitura, fotos ou figuras interessantes e relevantes ao tema, e um esquema de cores com bom contraste. Essa mesma preocupação com a harmonia visual foi expressa pelo grupo C, que afirmou

Para fazer uma boa apresentação, é necessário usar fontes legíveis e cores que ponham em destaque os aspectos mais importantes. Você não pode usar cores fortes em todos os seus slides.

Se, por um lado existe a percepção de que cores fortes em todos os slides levam a uma situação de cansaço visual, e conseqüente desatenção, há também, nas palavras do grupo E, a percepção de que “cores monótonas”, o que foi depois explicado como sendo “cores suaves, sem contraste entre o fundo e o que se quer destacar”, levam igualmente a que “a platéia não preste atenção à apresentação”. O equilíbrio delicado entre cores muito fortes ou com pouco destaque, figuras relevantes ou supérfluas, fontes legíveis ou de difícil leitura, foi expresso pelo grupo F, que afirmou que o uso de Power Point pode

[...] contribuir para tornar a apresentação mais interessante e fácil de compreender mas, por outro lado, o uso dos efeitos pode arruinar sua apresentação.

Essa observação bastante radical parece refletir a visão de Tufte (2004), apresentada ao se discutirem os elementos visuais na comunicação, no capítulo de Fundamentação Teórica desta pesquisa. Segundo Tufte, Power Point ajuda o palestrante a organizar a apresentação mas pode também levá-lo a mascarar informações com efeitos desnecessariamente elaborados ou clip-art de má qualidade⁴³. As opiniões dos grupos B, C, E e F, aqui destacadas, indicam que os aspirantes têm a clara percepção dos cuidados a serem tomados para que o recurso seja utilizado de forma produtiva.

As opiniões até aqui discutidas referem-se ao impacto dos elementos visuais no discurso, do ponto de vista de quem assiste às apresentações. Houve também, entretanto, grupos de aspirantes que preferiram enfatizar a contribuição dos efeitos visuais na organização e condução das apresentações, enfatizando a percepção de autoria dos trabalhos. O grupo D, por exemplo, afirma que o recurso “ajuda a manter **suas** idéias organizadas”, o grupo I refere-se a “ilustrar o que **você** está falando”, e o grupo L menciona “uma idéia mais clara do que **você** quer demonstrar através de imagens e dados” (grifos meus). A relação que se estabelece entre autor e platéia é nitidamente percebida pelo grupo J, que afirma

Dependendo do tipo de apresentação que você deseja fazer, as pessoas vão prestar atenção a aspectos diferentes do assunto escolhido. Portanto, dependendo do público, do assunto, e do tratamento a ele dado, você precisará usar cores e ilustrações apropriadas.

Por ocasião da discussão pós-apresentação, o grupo em questão referiu-se especificamente a uma audiência constituída apenas por militares, ou por civis ou por ambos. Em sua visão, cada grupo necessitaria um tratamento diferente, linguística e visualmente falando – com maior ou menor uso de jargão militar e maior ou menor uso de ilustrações específicas. Segundo eles, uma platéia militar, por exemplo, apreciaria ilustrações sobre detalhes de maquinaria ou armamentos, enquanto uma platéia civil preferiria ilustrações sobre o visual geral das

^{43cc}[...] to replace serious analysis with chartjunk, over-produced layouts, [...] and corny clipart.” (2004:4)

embarcações ou dos armamentos. Essa visão parece refletir a sugestão de Rowley-Jolivet, segundo a qual os elementos visuais em apresentações não são apenas decoração, mas trazem forte carga teórica e conceitual, como discutido na seção 3.3 deste trabalho.

Além dos elementos já discutidos, houve também menção à “ênfase aos tópicos principais” e à “distinção entre tópicos e subtópicos”, feita pelo grupo H, o que provavelmente remete ao padrão hierarquizado de apresentação da informação a que se refere Tufte (2004). Cabe lembrar que o autor faz essa observação ao criticar o uso do recurso, enquanto para este grupo a possibilidade de ênfase e distinção é vista como positiva, o que pode refletir o ambiente militar, hierarquizado por natureza. É interessante notar que, apesar do ambiente em que os aspirantes vivem e onde o recurso foi utilizado, apenas este grupo referiu-se à hierarquia de tópicos, e a maioria das apresentações analisadas, como se verá mais adiante, neste estudo, não fez uso sistemático de marcadores ou identações, os quais, segundo Tufte, assinalam os níveis de importância do que está sendo exibido.

Uma outra característica percebida como contribuição positiva dos elementos visuais foi, segundo o grupo M, “dar mais realidade à apresentação”, o que, durante a discussão pós-apresentação, foi atribuído ao uso de fotografias. Em sua opinião, principalmente nas apresentações sobre viagens, as fotos têm o poder de aproximar a platéia da experiência. Essa aproximação se faz mais marcante quando o próprio aspirante é retratado, o que confere à apresentação a qualidade de relato de vida, ao invés de comunicação de pesquisa ou reportagem impessoal, e é vista como um convite a partilhar experiências e impressões. A percepção desses aspirantes se assemelha à de professores de língua estrangeira quando comentam que o uso de vídeo tem o poder de trazer o mundo exterior para a sala de aula e aproximá-lo dos alunos, e reflete a visão de Kress com relação aos conceitos de sociedade e cultura – o primeiro enfatizando a ação social humana e o segundo, o efeito ou produto da ação social. Em suas palavras, os “recursos culturais significativos são recursos semióticos”⁴⁴ (KRESS, 2009:14).

⁴⁴ “Cultural resources, being meaningful, are semiotic resources.”

4.1.3 Aspectos importantes na preparação

Esta pergunta, diferentemente das duas anteriores, coloca os respondentes no papel que desempenharão dentro em breve, o de autores de apresentações numa língua estrangeira. Enquanto as duas primeiras perguntas foram propositalmente ambíguas, permitindo que os aspirantes se vissem como platéia, autores, ou ambos, esta os faz forçosamente considerarem a condição de autor, com os cuidados e preocupações a ela inerentes.

As respostas dadas apontam, de um modo geral, para uma preocupação maior com o conteúdo das apresentações do que com sua forma linguística. O fato de ser um evento conduzido numa língua estrangeira suscita, é claro, cuidados com aspectos tais como o vocabulário e a pronúncia, mas estes são mencionados em menor número de respostas do que os cuidados quanto à escolha do tópico e ao conhecimento que o apresentador deve demonstrar acerca do tópico escolhido. Essa preocupação com a forma e o conteúdo das apresentações pode ser analisada sob a ótica da sociolingüística interacional, cujo foco de análise é o conhecimento sócio-cultural-cognitivo que se constrói e se expressa nas interações face a face. Nesta visão, segundo Schiffrin (1994), o significado é construído por um processo complexo de sinais lingüísticos e não lingüísticos ancorados no contexto, e é preciso levar em conta a forma como os membros de uma comunidade de prática identificam os eventos de fala, como os papéis assumidos pelos interlocutores variam no curso da interação e como o conhecimento social produz a interpretação das mensagens.

De acordo com essa perspectiva, e com referência à língua, o grupo C afirma ser importante “conhecer o vocabulário necessário para mostrar aos outros sua opinião”, os grupos D, I e H recomendam o uso de vocabulário “simples”, ou “fácil”, o grupo F recomenda que se evite “vocabulário pouco comum” e o grupo L menciona o uso de “inglês correto”. Em discussão posterior, estas revelaram-se preocupações com a compreensão por parte dos colegas e também, ou possivelmente até de forma mais intensa, com a própria competência genérica, já que, segundo esses aspirantes, o uso de vocabulário ou estruturas com as quais não estivessem familiarizados afetaria sua autoconfiança. Essa colocação pode ser

vista em termos de outro conceito importante para a sociolingüística interacional, o de esquema de conhecimento (Tannen & Wallat, 2002), desenvolvido no âmbito da Psicologia e da Semântica Lingüística, e que diz respeito à compreensão do discurso através de expectativas criadas com base em experiências anteriores, que fornecem um padrão acerca de pessoas, eventos e cenários. Os esquemas de conhecimento possibilitam identificar uma situação, prever o que vai ser dito e interpretar o sentido de gestos e outros sinais paralingüísticos, tais como a postura do palestrante ou sua maneira de se movimentar ou permanecer parado frente à turma.

Num grupo que convive diariamente, por anos a fio, há expectativas bem claras relativas à desenvoltura e competência com que as apresentações serão feitas, o que tem um impacto importante no chamado “trabalho de face”, conceito discutido por Brown e Levinson (1987) em seu trabalho sobre polidez. Para os autores, “face” refere-se ao respeito que um indivíduo tem por si mesmo e por seus interlocutores, e à sua capacidade de manter a auto-estima recíproca em situações de exposição pública. Para tanto, as regras de boa convivência em sociedade sugerem que sejam evitados os “atos de ameaça à face”, capazes de causar embaraço ou desconforto ao interlocutor. Numa situação de apresentações em língua estrangeira para um grupo de colegas, tais atos poderiam se evidenciar de duas maneiras, envolvendo forma ou conteúdo. A primeira seria constituída por perguntas ou comentários cujo nível de dificuldade lingüística estivesse acima da capacidade do palestrante, colocando-o numa situação de inferioridade por ter que solicitar repetição ou reformulação do que foi dito, claramente indicando deficiência de compreensão na língua estrangeira. O segundo tipo de ameaça à face nessa situação envolveria o conteúdo, e seriam perguntas às quais o palestrante não soubesse responder por não ter o conhecimento necessário do assunto.

As respostas dos aspirantes à questão da preparação das apresentações dão evidência de sua percepção da necessidade de se preservar contra ameaças e salvar a própria face, o que seria feito através da escolha de vocabulário e estruturas que se sentissem confiantes em usar, como já dito pelos grupos C, D, F,

I, H e L, e, principalmente, pelos cuidados com o conteúdo, mencionados pelos grupos A, B, C, D, E, G, H, J, K, L e M, e que serão discutidos a seguir.

A esse respeito, o grupo G sugere a escolha de um tópico “que se conheça bem”, o que certamente contribui para aumentar a autoconfiança e diminuir a tensão da exposição pública. O mesmo grupo sugere o uso de termos técnicos, e esse uso foi, em discussão posterior, sustentado pelos aspirantes como tendo a capacidade de investir o palestrante de autoridade sobre o assunto a respeito do qual discorre. A idéia de conhecer bem o tópico é corroborada pelo grupo J, que fala objetivamente em “conhecimento do assunto”, pelo grupo B que afirma ser a compreensão “o ponto mais importante quando se prepara uma apresentação”, e pelo grupo K que menciona a importância de “se fazer uma boa pesquisa e escrever a apresentação com cuidado e atenção”. Na discussão da qual participei, o grupo explicou que nesta resposta “escrever” não se refere ao texto dos slides, mas a um texto em papel, para uso e orientação do palestrante antes da apresentação. Esse texto seria, assim, um documento de trabalho, que teria por objetivo infundir confiança com relação ao que dizer e como dizê-lo.

Segundo a opinião de vários grupos, a autoconfiança parece estar claramente relacionada à preparação. O grupo A menciona “estudar o assunto e treinar o discurso antes da apresentação”; o grupo C, além da já discutida preocupação com o vocabulário, afirma ser importante “pesquisar a respeito do que se vai apresentar, estudar o assunto **muitas vezes**, praticar **muito** antes da apresentação (grifos meus).”

O grupo D ressalta a necessidade de “organização de idéias para tornar a apresentação clara”, e o grupo E recomenda cuidado em “não fugir ao tópico escolhido”, cuidado com o qual concordam os aspirantes do grupo H, que falam em “não mudar a idéia central” e recomendam “não mostrar idéias complicadas”, o que pode ser interpretado como trabalho de preservação de face, pois mantendo-se dentro de um esquema de trabalho conhecido e ensaiado os riscos de erro e interpelações por parte da platéia seriam menores. O grupo L, que desde a primeira resposta procura ser sintético e expressar uma visão ampla dos assuntos discutidos, une a preocupação com o conteúdo à preocupação linguística, pois fala da importância de se ter “conhecimento suficiente sobre o tema” e de “saber

expressá-lo corretamente em inglês”. Enquanto a segunda parte da resposta parece evidente, pode-se interpretar o “conhecimento suficiente” como sendo “suficiente para conferir autoconfiança ao palestrante e dar-lhe segurança para se dirigir aos colegas”.

O grupo M também menciona a escolha do tópico, mas o faz sob um ângulo diferente dos demais. Para este grupo, é preciso levar em consideração “a importância do tópico para a platéia”, e, isto determinado, “se você tem informação suficiente para falar sobre ele”. Como no caso do grupo L, minha interpretação do emprego de “suficiente” remete à autoconfiança e ao trabalho de preservação de face, a que se referem Brown e Levinson (1987). A noção da platéia é expressa também pelo grupo I, que recomenda “tornar a apresentação atraente”.

Os demais elementos mencionados com relação à preparação das apresentações refletem a preocupação com a parte técnica. Esta é associada ao uso de ilustrações, mencionado pelo grupo F, e ao ritmo da exposição oral, mencionado pelo grupo I. Segundo estes aspirantes, o fluxo da fala do apresentador não deve ser muito rápido, pois isto, supostamente, dificultaria o trabalho de compreensão da platéia e diminuiria a atração despertada pelo tópico, um aspecto que o grupo considera importante. As ilustrações e a fala são, segundo Kress e Van Leeuwen (2001), algumas das múltiplas articulações da comunicação multimodal, e estão relacionadas à produção, ou organização da expressão, e à distribuição, ou codificação técnica do produto semiótico. Ambos aspectos, já apresentados no capítulo de Fundamentação Teórica deste trabalho, serão discutidos mais amplamente durante a análise das respostas à quarta pergunta.

4.1.4 A contribuição de Power Point

A última pergunta projetada durante a discussão preliminar buscava reunir os elementos analisados nas três primeiras – a natureza de uma boa apresentação, a possível contribuição dada por Power Point a uma boa apresentação, e os aspectos a considerar ao preparar uma apresentação em inglês – de modo a encorajar os aspirantes a refletir sobre sua condição de autores com acesso à tecnologia digital. Essa pergunta objetivava investigar de que modo os membros dos grupos percebiam alguma influência do recurso Power Point no sentido de atingir o objetivo desejado: uma boa apresentação em língua estrangeira para os colegas de turma e a professora. Cabe ressaltar que, para fins deste estudo, a definição adotada para *boa apresentação* é aquela proposta pelo grupo L, em sua resposta à primeira pergunta, por refletir os valores da vida militar na qual os aspirantes se inserem:

Uma boa apresentação é simples (as pessoas compreendem), objetiva (contém apenas informação relevante), útil (tem aplicação prática) e interessante (prende a atenção de quem assiste).

Nesta última parte da discussão houve quase unanimidade ao dizer que, do ponto de vista do autor, a contribuição maior do recurso Power Point na preparação e implementação de apresentações orais em inglês consiste na organização da informação, e, como segundo aspecto mais mencionado, no auxílio à memória do apresentador. O primeiro aspecto, a organização da informação, remete a três elementos da articulação multimodal defendida por Kress e Van Leeuwen: o desenho, ou seja, o uso de recursos e modos semióticos (sons ou imagens) para realizar o discurso numa determinada situação comunicativa; a produção, ou seja, a organização da expressão (cronológica, seqüencial, por tópicos, etc); e a distribuição, ou seja, a codificação técnica da informação, no caso, os slides.

A maioria dos aspirantes referiu-se à ajuda oferecida pelo recurso Power Point na organização da informação, seja para benefício do autor ou da platéia. Os grupos A, B, C, E, F, I, J, e L ressaltam as vantagens para o autor, usando termos como “ajudar a seguir o planejamento” (grupos A e B), “ajudar a manter a

sequência cronológica” (grupo I) e “ajudar a organizar as idéias” (grupos C, E, F, J e L). Os grupos G e H mencionam vantagens apenas do ponto de vista da platéia, para quem Power Point ajuda a “compreender” os dados, e os grupos I e L, às vantagens oferecidas para o autor acrescentam que o recurso ajuda a platéia a “interpretar” a informação (grupo I) ou, nas palavras do grupo L compreender “o que é difícil de ser assimilado apenas ouvindo (números, por exemplo)”. Os aspirantes do grupo I, além da já mencionada ajuda à interpretação, afirmam que Power Point “torna a apresentação atraente”, o que é por eles considerado aspecto importante na preparação de uma apresentação em inglês, como declarado na resposta à pergunta anterior.

O segundo aspecto mais mencionado, o auxílio à memória, remete a conceitos da sociolinguística interacional, principalmente às noções de enquadre (Bateson, 1972, Goffman, 1974) e alinhamento (Goffman, 1989), termos relacionados ao tipo de atividade em curso no momento da interação e ao sentido que os falantes dão ao que é dito. Para Goffman (1989), é o conhecimento social dos participantes que produz a interpretação das ações em situações de fala, interpretação que está relacionada à postura e ao papel discursivo do falante. Numa apresentação, esse papel discursivo é o de *autor*, que escolhe e organiza o que será dito, e de *responsável*, que, imbuído de um papel socialmente referenciado, tem a responsabilidade pelo que é dito. Na comunidade de prática da Escola Naval, onde as expectativas quanto à desenvoltura e competência são claras, o auxílio à memória contribui para evitar situações de ameaça à face do apresentador (Brown e Levinson, 1987), que causariam constrangimento durante seu discurso.

Os aspirantes dos grupos B, C, E, H, K, e M referem-se explicitamente a “lembrar” ou “não esquecer” os dados. Alguns, como o grupo B, especificam a importância de “lembrar o que você vai dizer num determinado slide”; outros, como os grupos C e K, prevêm que o esquecimento é possível e sugerem usar Power Point para contornar o problema. O grupo C recomenda usar os slides “para lembrar algo que você sempre esquece de dizer”, o que, na discussão posterior, revelou-se motivo de freqüente frustração entre os aspirantes – preparar uma apresentação, confiar na memória e dar-se conta, ao final dela, de que algo,

às vezes importante, não foi dito. O grupo K, que parece partilhar da mesma preocupação, afirma que “quando você esquece alguma coisa sobre a apresentação, você pode olhar o slide e lembrar-se”.

O grupo D respondeu à última pergunta projetada abordando um aspecto estritamente técnico do recurso Power Point. Para esses aspirantes, “Power Point tem muitos efeitos sonoros e visuais, e apresentações pré-produzidas, o que facilita a preparação das apresentações”. É curioso notar que, apesar da menção aos efeitos sonoros, poucos aspirantes, e nenhum dos integrantes do próprio grupo D, os utilizaram em suas apresentações. Quanto às apresentações pré-produzidas, a que Tufte (2004, citado no capítulo de Fundamentação Teórica deste trabalho) se refere como seguindo um padrão hierarquizado, onde o mesmo plano de fundo recebe listas de “pontos de força” que são inseridos segundo níveis de importância, estas foram definitivamente minoria entre as quarenta e seis apresentações produzidas pelos aspirantes, como será visto durante a análise das mesmas.

A explicação da ausência de efeitos sonoros pode estar na preocupação com o uso excessivo de efeitos, mencionada pelo grupo G em resposta à pergunta anterior, e pelo próprio grupo D, segundo o qual, e complementando sua resposta, “você não pode colocar informação demais nos slides, porque isso deixa a apresentação confusa”. Em discussão posterior, o termo “informação” foi por eles definido como o conjunto de texto, imagens e sons de cada slide. Quanto à opção por não utilizar os modelos prontos, esta demonstra a intenção de personalizar as apresentações, e será discutida em mais detalhes no Capítulo 5 deste trabalho, ao se tratar de cada uma das apresentações selecionadas para análise.

4.2

A discussão posterior

A segunda atividade interpretativa adotada nesta pesquisa consistiu numa discussão que se seguiu às quarenta e seis apresentações produzidas pelos aspirantes e que serão analisadas no Capítulo 5. Essa discussão possibilitou aos aspirantes a reflexão sobre o sucesso, ou não, das referidas apresentações, bem como suas percepções do evento sob o ponto de vista de espectadores ou autores. Assim como a primeira, essa discussão foi conduzida em 13 grupos, nomeados de A a M e formados pelos mesmos participantes da anterior. Por motivos também já anteriormente explicitados, a discussão foi conduzida em inglês; entretanto, os registros escritos das opiniões do grupo foram feitos em inglês ou em português, segundo a preferência do redator. Esses registros encontram-se transcritos no Anexo 3.

4.2.1 Os aspirantes como espectadores

Como dito na seção 3.2 do capítulo sobre Metodologia, os três primeiros itens desta discussão visavam dar aos aspirantes a oportunidade de falar sobre sua percepção como espectadores das apresentações, e avaliar o que havia sido bem sucedido segundo suas próprias crenças e expectativas, expressas na discussão conduzida durante a etapa preliminar do estudo. A primeira pergunta pedia que fossem selecionados os recursos digitais melhor explorados nas apresentações; a segunda, que fosse indicado qual recurso, entre todos, teve o maior impacto na platéia; e a terceira mostrava as duas técnicas mais utilizadas pelos apresentadores e pedia que fosse identificada a mais eficaz delas.

Os recursos digitais sugeridos para discussão foram: o uso de cor nos slides; o tamanho e a cor da fonte usada nos textos; o uso de animação; o uso de gráficos ou diagramas, e o uso de fotografias. Foi também incluída a categoria *outros*, de modo a não restringir as opiniões aos elementos dados. A pergunta foi feita de modo a permitir que os grupos selecionassem mais de um item em suas respostas, o que de fato ocorreu. No total, houve trinta e sete respostas, representadas no Gráfico 1:

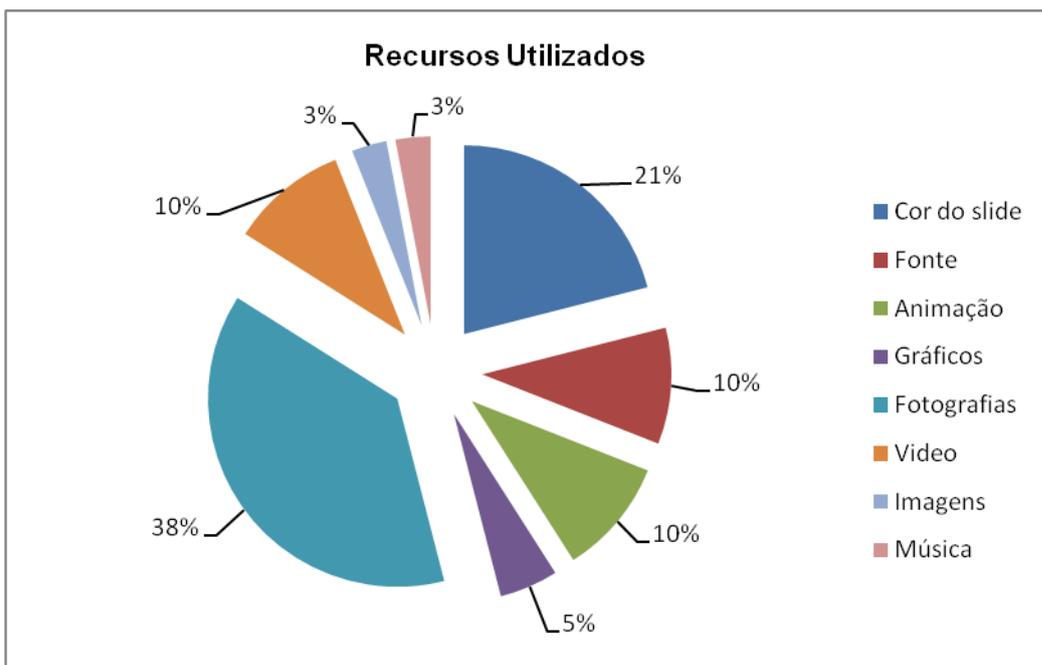


Gráfico 1 – Recursos utilizados

A representação gráfica permite constatar que o recurso mais citado foi o uso de fotografias (38%), o qual, nas respostas à segunda pergunta, foi também considerado o elemento de maior impacto nas apresentações. Para justificar essa opinião, os aspirantes declararam que fotografias servem para

- ilustrar o que se diz (grupos A, G e L);
- atrair a atenção do público (grupo B, H e I);
- facilitar a compreensão (grupos J e K);
- tornar a apresentação mais interessante (grupo D).

Além dessas explicações, o grupo L acrescentou que “fotografias tornam a apresentação mais tangível”, o que reforça a idéia de trazer o mundo exterior para dentro da sala de aula, já discutida na seção 4.1.2 deste capítulo, ao relatar a atividade que precedeu as apresentações. O argumento que, possivelmente, melhor reflete as idéias do corpo de aspirantes em geral foi oferecido pelo grupo M, que lança mão de um ditado popular ao afirmar que “Seres humanos gostam

de ver fotografias e prestam atenção a elas. Uma figura diz mais que mil palavras”⁴⁵.

O segundo elemento mais citado como tendo sido bem explorado, a cor dos slides (21%), bem como um dos elementos citados em terceiro lugar, a cor e o tamanho da fonte (10%), não foram considerados por nenhum dos grupos como tendo tido o maior impacto. A análise das apresentações demonstra que a cor desempenha o papel de plano de fundo para o que se quer destacar – imagem ou texto, e o texto vem geralmente associado a imagens, às quais cabe atrair a atenção, como dito acima. O fato de ambos os elementos, cor de slide e fonte, terem sido mencionados como bem explorados significa, em minha interpretação, que os aspirantes tiveram sucesso em conseguir o “equilíbrio delicado entre cores muito fortes ou com pouco destaque, e fontes legíveis ou de difícil leitura” a que se referiu um dos grupos na discussão preliminar, como relatado na seção 4.1.2 deste capítulo.

Os dois outros elementos que dividem o terceiro lugar em número de respostas (10%) foram o uso de animação e de vídeo. Sete grupos de aspirantes escolheram um ou outro desses elementos, e o grupo E selecionou os dois, indicando o uso de animação como tendo tido o maior impacto por ser “o diferencial que prende a atenção da platéia”. Quanto ao uso de vídeo, citado quatro vezes, foi apontado pelo grupo C como tendo tido maior impacto por “integrar som e imagem”.

A opinião do grupo E, valorizando o uso de animação, remete aos efeitos que podem ser adicionados à transição de slides ou à inserção de texto ou imagens. Estes efeitos são classificados pelo próprio programa como *básicos*, *sutis*, *moderados* ou *empolgantes*, e podem vir associados a sons, como descrito na seção 3.4 do capítulo de Metodologia deste trabalho. O grupo C foi o único a atribuir destaque à parte sonora das apresentações e, mesmo assim, em associação às imagens. O grupo G, que mencionou “música” como um dos recursos melhor explorados, selecionou as fotografias como tendo tido maior impacto. Minha

⁴⁵ “Photos, because humans like seeing it (sic) and people pay attention to pictures. One picture tells more than one thousand words.”

interpretação para essa escolha é que as imagens são percebidas como o elemento fundamental em Power Point, e os sons como simples acessório.

O que pode ser constatado através da tabulação das respostas à primeira pergunta e da análise das respostas à segunda, é a importância das imagens na cultura visual a que se refere Gillian Rose (2001), como citado na seção 2.1.1, no capítulo de Fundamentação Teórica deste trabalho. Ao selecionar fotografias como o elemento de maior impacto, e justificar essa escolha com o uso de expressões como “atrair atenção / facilitar compreensão”, “tornar interessante / tangível”, os aspirantes se dão conta de que imagens estimulam “modos de ver” e que “nunca vemos uma coisa isoladamente, mas procuramos a relação entre essa coisa e nós” (BERGER, 1972:9, In ROSE, 2001).

O terceiro item posto em discussão referia-se às duas técnicas utilizadas nas apresentações – projetar os slides e ler em voz alta o texto neles contido, ou projetar os slides e, simultaneamente, proferir o discurso. Ao responder sobre qual delas havia sido utilizada com mais frequência, dez entre os treze grupos indicaram a segunda, que, segundo opinião unânime, foi considerada a mais eficaz. As razões apontadas para a maior eficácia desta técnica dividem-se basicamente entre a impressão de competência transmitida pelo apresentador e a ajuda oferecida aos espectadores. A competência, cuja importância já havia sido ressaltada na discussão pré-apresentações, como descrito na seção 4.1.3 deste capítulo, foi assim relatada, nas palavras dos aspirantes:

- “você mostra mais conhecimento enquanto ilustra a situação” (grupo A);
- “projetar os slides para ilustrar o que será dito (...) demonstra que o palestrante tem domínio do assunto” (grupo C);
- “dá aos espectadores a idéia de que o palestrante tem grande domínio sobre o assunto abordado” (grupo D);
- “demonstra que o apresentador tem domínio melhor do assunto” (grupo E);
- “é mais interessante prestar atenção numa apresentação em que o autor mostra que conhece bem o assunto” (grupo F);
- “agindo desta maneira você mostra conhecimento sobre o assunto” (grupo G).

O uso repetido da palavra “domínio” nas opiniões acima remete, por um lado, ao ambiente hierarquizado do meio militar, onde falar com segurança inspira admiração e obediência, e, por outro, ao desejo de evitar o risco de ameaça à face (BROWN e LEVINSON, 1987) inerente a uma apresentação em que não se lê, mas profere-se um discurso estudado. Nos dois casos, há evidência da percepção das oportunidades de aprendizagem contidas na experiência: aprendizagem do uso do recurso e de como conduzir-se perante a platéia. O grupo J apresenta uma visão bem detalhada da situação:

O PP é uma ferramenta bastante útil para a prova que, no caso, faz uma apresentação. De forma que, ao expor um trabalho, aquele que está à frente da apresentação necessita de um recurso para ilustrar tudo aquilo que ele fala, porque caso contrário suas palavras ficariam “vazias”, sem que se pudesse visualizar seu contexto como um todo. (...) Então, o apresentador deve apenas, ao falar, usar os slides como ilustração, e não como objeto principal de sua apresentação, pois caso contrário presume-se por parte de quem assiste, uma certa deficiência de conhecimento do apresentador.

É interessante notar que o grupo refere-se à experiência como a uma “prova”, o que pode ser interpretado à luz do ambiente competitivo existente na Escola Naval, onde o sucesso acadêmico leva a melhores oportunidades de ascensão profissional.

Quanto à ajuda oferecida aos espectadores, o grupo I afirma que “projetar slides para ilustrar o que se diz é mais natural e melhor para atrair a atenção dos espectadores”. Em minha interpretação, “mais natural” porque replica as situações comunicativas do dia-a-dia, nas quais não lemos textos impressos mas indicamos ou apontamos elementos circunjacentes para desenvolver nosso discurso. O grupo K afirma que “o slide é um recurso para orientar as pessoas que estão assistindo à apresentação. Quando o apresentador lê, a palestra torna-se monótona e cansativa”. Para finalizar, o grupo L, que durante a discussão prévia definiu uma “boa apresentação” como sendo simples, objetiva e interessante, argumenta que a

prende mais a atenção e é mais ampla. A primeira torna a apresentação uma simples leitura e, sem explicações adicionais, **gerará tantas dúvidas quanto um livro** [grifo meu].

Essa opinião é interessante por explicitar o caráter interativo do gênero discursivo apresentação, onde, ao contrário do que ocorre na leitura de um livro, perguntas, comentários e esclarecimentos são feitos em tempo real. A percepção do grupo L reflete uma das noções intimamente ligadas a este estudo, ou seja, a investigação do desenvolvimento da competência genérica multimodal, como destacado na Introdução deste trabalho.

4.2.2

Os aspirantes como autores

O quarto item posto em discussão aponta para a transição do papel de espectador para o de autor, e encoraja a reflexão sobre o código linguístico em que a apresentação é feita. Ao pedir explicitamente que os aspirantes considerem as apresentações por eles preparadas, a pergunta os investe da responsabilidade pela autoria do que é apresentado à turma, e ao pedir que considerem as apresentações feitas para as aulas de Inglês e para as de outras matérias, o código linguístico torna-se naturalmente objeto de reflexão.

Como já anteriormente dito, todas as salas de aula da Escola Naval são equipadas com computadores, aparelhos de som e telas de projeção, e todos os professores encorajados a usar esses recursos em suas aulas. Quanto a encorajar os aspirantes a usá-los, fica a critério de cada um. As respostas dos aspirantes revelaram que, além de Inglês, as matérias para as quais foram elaboradas apresentações em Power Point foram Fundamentos Navais (FNA), Navegação (NAV), Legislação Militar Naval (LMN), Operações Anfíbias (OPA), Filosofia e Português. Destas, FNA foi certamente a mais popular, citada pelos grupos A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, e L; seguida por NAV, citada pelos grupos D, E e J, e por OPA, citada pelos grupos K, L e M. LMN e Português foram ambas citadas pelo grupo M e, respectivamente, pelos grupos E e K. Filosofia foi citada apenas pelo grupo G.

Considerando que todos os aspirantes produziram apresentações para as aulas de Inglês, e considerando as matérias mencionadas acima, todos eles foram

responsáveis pela produção de pelo menos duas apresentações para seus colegas de turma, sobre matérias diferentes, e usando códigos linguísticos diferentes. Todos se encontram, portanto, em condições de comparar o processo de produzir e conduzir essas apresentações, levando em consideração o conteúdo e o código linguístico.

4.2.3

Autoria em inglês ou português: semelhanças e diferenças

Com relação a possíveis semelhanças encontradas, três grupos não opinaram. Durante a discussão da qual participei, essa abstenção foi justificada por “serem óbvias as semelhanças – todas fizeram uso de Power Point e todas tinham conteúdo a transmitir”, nas palavras dos integrantes do grupo D, com as quais os grupos G e M concordaram. As opiniões dos dez outros grupos dividiram-se entre aspectos relativos à forma e ao conteúdo das apresentações. Quanto à forma, foi dito que as técnicas e estrutura de apresentação são semelhantes (grupos A e I), assim como semelhante é o uso recorrente de figuras e fotografias para “atrair / manter a atenção do público” (grupos B e F) e “ajudar a explicar o que o apresentador está falando” (grupo K). O conteúdo foi mencionado explicitamente pelo grupo L, que usou as palavras do grupo D para descrever o óbvio – “todas têm conteúdo a ser transmitido”, assim como pelo grupo E, que usou a expressão “passar informação”. Foi também mencionado pelo grupo H, que juntou forma e conteúdo, referindo-se ao “uso de figuras e à necessidade de fazer pesquisa”. A interação forma-conteúdo foi, talvez, melhor explicitada pelo grupo J, que fez uma avaliação mais detalhada da experiência do que os demais grupos. Em suas palavras, as semelhanças consistem em

Figuras, as informações mais importantes transmitidas de forma resumida. Poucos trabalhos tiveram textos longos nos slides, ou informações estatísticas em gráficos. Não houve o uso de recursos sonoros.

No que diz respeito às diferenças encontradas, dois grupos optaram por não opinar. Foram eles os grupos E, que havia apontado como semelhança “passar informação”, e, ao comparar as apresentações de Inglês com as de FNA, NAV e LMN, aparentemente não percebeu diferenças dignas de nota. O segundo grupo a

se abster de opinar foi o grupo J, acima citado, que comparou Inglês com FNA e NAV, e também não detectou diferenças significativas. Os grupos A, B e I compararam Inglês com FNA e mencionaram apenas “a língua”, o que permite presumir que tanto a estrutura de apresentação quanto os recursos utilizados nas apresentações de ambas as matérias tenham sido semelhantes. O grupo A, entretanto, acrescentou “o uso de vocabulário”, o que, em discussão posterior, foi esclarecido como sendo “vocabulário específico”. A diferença percebida por este grupo foi, assim, a do uso constante de termos náuticos em FNA, e termos de uso geral, nas aulas de inglês. Entretanto, uma outra diferença ligada ao uso de vocabulário foi apontada pelo grupo H, o qual também comparou as apresentações preparadas para FNA e Inglês, e constatou que nestas “um fator extra é a necessidade de conhecer as palavras específicas para discorrer sobre o tópico escolhido”. Pode-se interpretar, nesta resposta, a percepção de que qualquer que seja o tópico escolhido, haverá sempre um campo semântico a ele relacionado, sem cujo domínio não é possível expressar-se com fluência e segurança.

Ainda com relação à linguagem, os grupos F e G declararam que “uma apresentação em português é mais fácil”, porque, segundo o primeiro, “português é a nossa língua” e, segundo o outro, em português “não há a necessidade de ler os slides o tempo todo”. Essa segunda opinião demonstra a falta de segurança em expressar-se livremente na língua estrangeira, e, neste caso, a idéia de que o texto projetado serve, além de esclarecimento para a platéia, como já dito, também de apoio para o apresentador, salvando-lhe a face no caso de a fluência verbal lhe faltar.

Considerando-se agora não o código linguístico, mas a quantidade de texto exibida, e, principalmente, a relação figura-texto, cinco dos dez grupos apontaram as apresentações em inglês como fazendo uso de mais figuras e menos texto. Para o grupo C, em Inglês houve “mais recursos de imagens e vídeo, e em FNA mais texto”; para o grupo D, em Inglês houve uso de “mais fotos e figuras **para melhor entendimento** (grifo meu)”, enquanto em FNA e NAV houve “mais texto e termos específicos”. Os grupos L e M ressaltaram o uso constante de figuras em Inglês em oposição ao uso primordial de texto em FNA, LMN, OPA e Português. Finalmente, o grupo K, que ao indicar semelhanças mencionou o uso de slides em todas as apresentações, ressalta que em inglês os slides foram usados “apenas para

ilustrar”. A percepção desse grupo aponta para a valorização da oratória, da capacidade de expressar-se verbalmente na língua estrangeira, e explica que o texto impresso nos slides seja visto apenas como apoio, e não como elemento principal das apresentações em inglês. Com relação às demais matérias, em que as apresentações são conduzidas na língua nativa, na qual a competência dos colegas não é questionada, os slides podem conter informação essencial, que deve ser lida e, muitas vezes, copiada, pois faz parte do conteúdo programático a ser posteriormente cobrado em avaliações. No caso das aulas de inglês, a apresentação é, em si, a própria avaliação e o desempenho oral dos aspirantes o seu foco.

4.2.4

A sensação de autoria

Após apontar semelhanças e diferenças percebidas entre as apresentações produzidas para a aula de inglês e para outras matérias, os aspirantes refletiram sobre o modo como se sentiram quando investidos do papel de autores / apresentadores. Um grupo absteve-se de opinar, o grupo G, que já se havia absterido de mencionar semelhanças entre apresentações para matérias diferentes por concordar que estas são óbvias (“todas usam Power Point e têm conteúdo a transmitir”, como destacado na seção 4.2.2.1). Como ao discutir as diferenças este grupo declarou que “apresentação em português é mais fácil, sem a necessidade de ler os slides o tempo todo” (também destacado na seção 4.2.2.1), minha conclusão pessoal é de que os membros deste grupo sentiram maior dificuldade ao preparar e apresentar um tema em inglês para a turma. Para este grupo, aliás, o código lingüístico parece ser o diferencial mais significativo, pois ao discutir a última pergunta proposta, como se verá na seção 4.2.2.3, declararam que “apresentações em português são mais fáceis **de entender** (grifo meu), portanto a classe se interessa mais e pode interagir mais”.

Um segundo grupo, o grupo A, também não expressou sua opinião, manifestando-se de forma lacônica e imprecisa ao declarar “same feeling” para diferentes apresentações. Mesmo admitindo-se que os membros do grupo de fato

sintam-se da mesma forma como autores e apresentadores em inglês ou português, resta saber que forma é essa. Cabe ressaltar que este grupo respondeu de maneira igualmente imprecisa ao dizer que as semelhanças entre apresentações em inglês ou português consistem “na técnica” e ao declarar que a atmosfera de sala de aula “está relacionada à técnica”, sem maiores detalhes.

Entre os demais grupos, cinco usaram a palavra “nervoso(s)” para descrever a sensação que tiveram ao desempenhar o papel de autores. Foram eles os grupos D, F, H, J e K. O grupo D, por exemplo, afirma que “nós nos sentimos meio nervosos por falar na frente de todos”, noção compartilhada pelo grupo K, segundo o qual “em inglês ou em qualquer outra matéria o apresentador começa um pouco nervoso e no decorrer da apresentação vai ganhando confiança e relaxa um pouco mais”. O grupo H concorda que “ficar nervoso é comum aos dois tipos de apresentação (em inglês ou em português)”, já que em ambos há platéia.

Esse uso recorrente parece bastante significativo e remete à preocupação com a preservação da face (BROWN e LEVINSON, 1987). Nas palavras do redator do grupo J, a preocupação é intensificada pela consciência de inferioridade linguística, pois “como autor, sinto-me um pouco nervoso por não ter domínio da língua”. O grupo L, apesar de não usar a palavra “nervoso”, afirma que “o uso de uma outra língua, não a nativa, deixa a apresentação um pouco mais ‘desconfortável’”, e o grupo C manifesta preocupação semelhante, pois diz que “sentimos mais segurança em áreas nas quais temos mais domínio do assunto e da língua”. Para o grupo M, o motivo de preocupação é a escolha das imagens adequadas, do tamanho e cor das letras⁴⁶.

É interessante notar que o grupo I também utilizou a palavra “nervoso”, mas não para descrever uma sensação esperada e sim como advertência. Segundo esses aspirantes, “ainda que você domine o assunto, se ficar nervoso terá problemas, não importa a língua”⁴⁷. A mesma palavra foi empregada pelo grupo F, que talvez tenha melhor expressado as atitudes de luta e orgulho pelo dever cumprido, associadas à vida militar: “Primeiro você se sente muito preocupado e nervoso

⁴⁶ “I feel worried trying to choose the right pictures, size and colour of fonts.”

⁴⁷ “Even if you master the subject, if you get nervous you’ll be in trouble, it doesn’t matter the language or the area.”

mas depois sente-se orgulhoso [...]. Ninguém pode tirar esse orgulho de você”⁴⁸. Essa percepção de bom desempenho pode, segundo Yuan e Ellis, estar associada ao planejamento prévio da tarefa. Para os autores,

Aprendizes de língua estrangeira (L2), principalmente aqueles com menor proficiência, têm dificuldade em lidar ao mesmo tempo com forma e significado [...]. Entretanto, quando têm a oportunidade de planejar o conteúdo linguístico e proposicional de uma tarefa, podem compensar suas limitações e melhorar a qualidade de sua produção linguística (2003:1)⁴⁹.

As opiniões expressas durante a discussão pós-apresentação sugerem repetidamente que na comunidade de prática da Escola Naval a firmeza de atitude e a demonstração de domínio do conteúdo são muito valorizadas. No caso de uma atividade conduzida em língua estrangeira, o planejamento ajuda a superar dificuldades lingüísticas e, conseqüentemente, ajuda a projetar uma imagem positiva. Em outras palavras, ajuda na percepção de que “dificuldades podem ser superadas, mesmo em inglês” (seção 2.3.3).

4.2.5

A atmosfera em sala de aula

A última questão discutida após todas as apresentações terem sido feitas ofereceu aos aspirantes a oportunidade de refletir sobre a atmosfera em sala de aula no decorrer dessas apresentações, bem como durante as apresentações de outras matérias, conduzidas em português. Tal questão remete à complexidade da sala de aula e aos vínculos sociais que aí se estabelecem e que, no caso da Escola Naval, são naturalmente acentuados pelo regime de internato em que os aspirantes vivem. Segundo Freeman,

Quando consideramos a sala de aula pensando apenas no presente nos arriscamos a ficar presos no aqui-e-agora, ignorando o passado e o modo pelo qual as

⁴⁸ “First you feel very worried and nervous but after you feel proud [...]. Nobody can take your pride (sic).”

⁴⁹ “Second language (L2) learners, especially those with limited proficiency, find it difficult to attend to meaning and form at the same time [...] However, when they have the opportunity to plan the linguistic and propositional content of an upcoming task, they can compensate for these processing limitations and, as a result, the quality of their linguistic output is enhanced. “

coisas se tornaram como são. [...] Qualquer prática social tem uma origem que determina como ela é e como pode vir a ser (2006:251)⁵⁰.

A prática social “apresentação em sala de aula de inglês como língua estrangeira” foi, portanto, percebida pelos aspirantes dentro de um contexto competitivo e no qual há um estímulo constante para demonstrar bom desempenho. Nas palavras do grupo K, “a atmosfera da sala de aula vai depender de quão interessante é o assunto que está sendo abordado e da segurança e qualidade com que o apresentador conduz a apresentação”. O grupo J complementa essa idéia, afirmando que de um modo geral “a turma mostrou-se bastante interessada; contudo, alguns trabalhos fizeram o grupo cansar, devido aos slides formados por textos muito longos que eram simplesmente lidos”.

Nas duas respostas citadas transparece a importância da atitude do apresentador. Outras respostas, entretanto, destacam a relevância do código linguístico no sucesso da apresentação, ainda que expressando opiniões diferentes. Os grupos E e G, por exemplo, afirmam haver mais interação durante apresentações em português, pois “a classe estava mais à vontade e participava com mais perguntas” uma vez que “apresentações em português são mais fáceis de entender, então a classe se interessa mais e interage mais”⁵¹. Opinião distinta é expressa pelos grupos M, I e C, que afirmaram ter havido mais interesse nas apresentações em inglês. De acordo com o primeiro, “as apresentações em inglês prenderam mais a atenção da turma”, sem maiores explicações. Pode-se supor que o código linguístico tenha sido o diferencial que despertou a atenção do grupo – talvez pelo desafio de acompanhar a explanação do palestrante, talvez pela curiosidade de ver como o colega se desempenhava em língua estrangeira.

Para os grupos I e C, entretanto, a razão de as apresentações em inglês terem despertado mais interesse estão relacionadas aos temas abordados e à rotina de aula. Segundo o grupo I, “nas apresentações em inglês os níveis de atenção e interesse foram mais altos **porque podíamos falar sobre o que quiséssemos,**

⁵⁰ “When we think about the classroom only in the present we risk becoming trapped in the here-and-now and ignoring the past and how things got to be the way they are. [...] Any social practice comes from somewhere and where it comes from shapes what it is, as well as what it can become.”

⁵¹ “Presentations in Portuguese are easier to understand, so the class gets more interested and can Interact more.”

então havia sempre alguma surpresa no início de cada apresentação (grifo meu)”. O grupo C menciona “atenção e participação maiores **devido a uma classe reduzida e à necessidade de uma constante participação de toda a sala para que a aula flua** (grifo meu)”. É interessante notar que este grupo percebe e valoriza a “constante participação” normalmente relacionada às atividades típicas da abordagem comunicativa do ensino de língua estrangeira.

Os grupos D e F não mencionaram a língua, mas sua descrição se aplica a várias apresentações que serão discutidas no Capítulo 5. Segundo o primeiro, aquelas “que trouxeram fatos cotidianos e engraçados foram mais dinâmicas e prenderam mais a atenção (...) dos colegas de classe”. Para o grupo F, “em geral, assuntos sobre lugares chamam mais atenção que os outros porque trazem novidades e quase todos gostam de viajar, principalmente para fora do país”. Como se verá no Capítulo 5, os “fatos cotidianos e engraçados” envolvem, muitas vezes, fotos dos próprios aspirantes, e “lugares” é tema tão popular que abrange aproximadamente 45% das apresentações.

Essa noção de relevância do tema escolhido transparece nas palavras do grupo B, ao afirmar que “quando o assunto é difícil não conseguimos manter atenção plena, pois não conhecemos o assunto 100%”; e nas palavras do grupo H, que possivelmente melhor sumariza as diferentes percepções:

Uma vez que uma apresentação em português é mais fácil de entender, ela desperta mais atenção e maior participação dos grupos. Mas em termos de interesse, ambas são muito semelhante, **pois ambas apresentam assuntos novos** (grifo meu).

Em suma, a análise das respostas leva a crer que na opinião dos aspirantes a língua em que a apresentação é conduzida pode facilitar ou dificultar o entendimento, mas o interesse que ela desperta está relacionado ao tema e à desenvoltura com que o apresentador se dirige ao grupo.

4.3

O questionário

Este questionário, como discutido na seção 3.2 do capítulo sobre Metodologia, foi respondido individualmente pelos quarenta e seis aspirantes que participaram da pesquisa, e cujo anonimato foi preservado através de nomes fictícios, conservando-se a letra inicial do nome verdadeiro. O questionário foi estruturado em nove perguntas abrangendo conhecimento técnico, método de trabalho, expectativas, avaliação de resultados e reflexão sobre a experiência. As respostas às seis primeiras perguntas, objetivas, estão tabuladas neste capítulo e as respostas às tres últimas, que implicam em produção textual, encontram-se transcritas no Anexo 4.

4.3.1

Primeiro contato e aprendizagem

As respostas às duas primeiras perguntas fornecem informação sobre o conhecimento técnico dos aspirantes e sua familiaridade com o recurso, e dão clara indicação da importância do ambiente educacional na exposição ao programa. O Gráfico 2 mostra que 74% dos aspirantes envolvidos na pesquisa tiveram seu primeiro contato com Power Point no colégio ou na própria Escola Naval, enquanto apenas 11% procuraram um curso de informática e 15% tiveram contato em casa, através de mensagens recebidas por correio eletrônico.

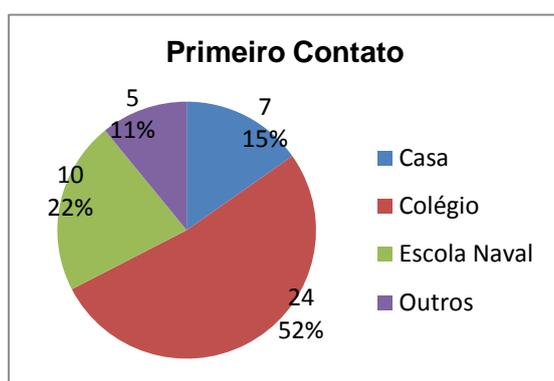


Gráfico 2 – Primeiro contato com o programa Power Point

Aqueles que responderam “colégio” são, na maioria dos casos, oriundos do Colégio Naval, porém alguns mencionaram escolas municipais ou particulares e

um deles mencionou o Colégio Militar. As respostas a essa pergunta confirmam a tendência ao uso em sala de aula de novas tecnologias, cujos recursos semióticos

[...] têm um impacto na prática de quem as usa, (pois) a variedade de modos semióticos disponíveis, a interatividade e a estrutura dos aplicativos do computador dão origem a novas maneiras de ler, produzir e distribuir textos (JEWITT, 2006:29)⁵².

Quanto à familiaridade com o recurso, entretanto, o Gráfico 3 mostra que 65% dos aspirantes aprenderam a usar o programa “experimentando”, contra 31% que declararam terem tido orientação formal. Apenas um aspirante declarou ter aprendido com o pai e outro com um amigo. Os demais aspirantes que assinalaram a opção “com amigo” o fizeram em conjunto com a opção “curso” ou “escola”.

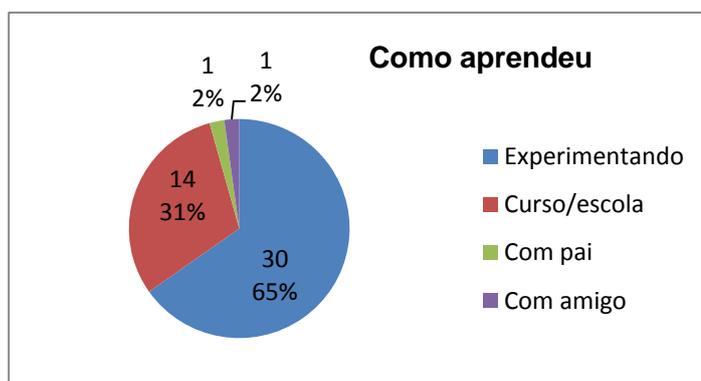


Gráfico 3 – Aprendizado da utilização do programa Power Point

Uma possível interpretação para o fato de a maioria dos aspirantes terem tido o primeiro contato com o recurso na escola, porém terem aprendido a usá-lo por iniciativa própria, é que as novas tecnologias de representação visual são frequentemente usadas no ambiente escolar como veículo de apresentação de conteúdos, e não como instrumento para expressão dos estudantes. Nos materiais destinados a professores, esse cenário muitas vezes pode ser entrevisto:

⁵² “The semiotic resources of technologies impact on the potential practices of those Who use them. The range of modes made easily available, interactivity and the structure of computer applications provide the potential for new practices of reading, producing and disseminating texts [...] “

[O recurso] Power Point, por si só, não trará melhorias à aprendizagem. É a forma como **os instrutores** (grifo meu) o utilizam que pode encorajar a aprendizagem, estrategicamente envolvendo os aprendizes no processo⁵³ (UNIVERSITY OF OREGON, 2011)

Este é, certamente, o caso da Escola Naval, onde Power Point é frequentemente utilizado pelos professores e poucas vezes pelos aspirantes, o que é comprovado por algumas respostas à última pergunta. Por exemplo, o aspirante Reinaldo, autor da apresentação Team Soldier⁵⁴, afirma que “produzir uma apresentação em inglês usando o PPT foi algo bastante difícil, já que foi a primeira vez que fiz tal trabalho usando recursos de informática”, e Carlos, autor de Unknown Touristic Points of Rio⁵⁵, assim como Teixeira, autor de Manaus⁵⁶, comentam, respectivamente, que “realizando a apresentação, pude explorar os recursos que não conhecia do PPT” e “[...] foi muito proveitosa a apresentação, pois [...] também melhorou a minha manipulação quanto ao PPT”. Se na Escola Naval, instituição de ensino de nível superior e tecnologicamente bem equipada, o uso regular da tecnologia em trabalhos produzidos por alunos não é estimulado, pode-se supor que esse uso também não o será em instituições de nível básico menos providas de equipamentos.

A reação experimental dos aspirantes face à ausência de instrução formal, sugere sua percepção intuitiva do que diz Wysocki (2004:159):

Aprender a construir páginas ou slides que correspondam às expectativas do leitor / espectador é aprender a observar. [...] Desenvolver suas próprias composições é uma questão de observar com atenção e analisar o gênero que for mais apropriado para seus fins; então, copiar o que for observado, modificando aquilo que for necessário à sua situação retórica em particular⁵⁷.

⁵³ “Power Point Will not, in and of itself, improve student learning. It’s the way that instructors use Power Point that can encourage student learning by strategically employing it to engage students in the learning process.”

⁵⁴ Apresentação 8, tema Marinha, categoria Vida Militar.

⁵⁵ Apresentação 12, tema Rio de Janeiro, categoria Lugares.

⁵⁶ Apresentação 16, tema Brasil, categoria Lugares.

⁵⁷ “Learning to compose pages or screens that fit into a reader’s / viewer’s expectations can be, then, a matter of learning to observe well. [...] To build your own compositions can thus be a matter of looking hard at and analyzing the genre that is most appropriate for your ends and then copying what you observe, modifying it to fit the particular rethorical situation.”

4.3.2

Áreas de conhecimento envolvidas na preparação

A terceira pergunta busca determinar as áreas de conhecimento mais valorizadas pelos aspirantes, nas quais os esforços são, supostamente, concentrados na expectativa da produção de uma apresentação competente. As áreas sugeridas são Correção Gramatical, Vocabulário Adequado, Pronúncia Correta, Conteúdo Interessante, e Impacto Visual, além de outra(s), a critério de cada um. Foi pedido aos aspirantes que classificassem essas áreas atribuindo-lhes números de 1 a 6, em ordem decrescente de importância.

As Tabelas 3 e 4, abaixo, mostram primeiramente a tabulação detalhada das respostas, com as seis classificações possíveis, e, em seguida, uma tabulação simplificada, na qual cada área foi classificada como muito, medianamente, ou pouco importante.

	1	2	3	4	5	6
Correção Gramatical	7	6	8	14	7	--
Vocabulário Adequado	3	11	14	10	3	--
Pronúncia Correta	9	7	7	5	13	1
Conteúdo Interessante	14	9	7	6	--	--
Impacto Visual	9	8	4	3	17	--
Outro	Ritmo do discurso (1), Organização de idéias (1)					

Tabela 3 – Classificação detalhada das áreas consideradas na preparação

	Muito importante	Importância Média	Pouco importante
Correção Gramatical	13	22	7
Vocabulário Adequado	14	24	3
Pronúncia Correta	16	12	14
Conteúdo Interessante	23	13	--
Impacto Visual	17	7	17

Tabela 4 – Classificação simplificada das áreas

Analisando-se a primeira tabela, é digno de nota que apesar da possibilidade de inclusão de outras áreas, apenas dois aspirantes o fizeram. Um deles acrescentou “ritmo do discurso”⁵⁸, mencionando, em sua resposta à última

⁵⁸ Selmo, apresentação CCTV (32), tema Tecnologia, categoria Interesses Pessoais.

pergunta, que a apresentação em Power Point “favorece a fluência”. O outro incluiu “organização de idéias”, explicando que

O fato de a apresentação ser produzida em inglês fez com que eu tivesse uma preocupação a mais e o PPT me ajudou, pois tive que seguir e desenvolver cada tópico apresentado sem ficar lendo⁵⁹.

Foi este mesmo aspirante o único a atribuir o número 6 – a menor importância possível – a uma das áreas, e causa estranheza que a área seja Pronúncia Correta, considerando-se que a apresentação foi feita em língua estrangeira. Uma possível explicação é oferecida pelo próprio aspirante, ao dizer ter conseguido “aproximar bem as pessoas da idéia que eu tinha em mente, pois na minha apresentação **utilizei diversas fotos pessoais** (grifo meu)”. Nessa opinião transparece a importância dada às imagens para complementar ou substituir textos verbais, ou seja, à intertextualidade a que se refere Rose, decorrente da diversidade de formas segundo as quais o discurso pode ser articulado (2001:135). É possível supor que este aspirante tenha usado as imagens para suprir deficiências lingüísticas percebidas e melhor transmitir sua mensagem. É interessante também notar que as imagens são **fotos pessoais**, o que, em termos de qualidade de vida em sala de aula, contribui para estabelecer vínculos com os colegas e facilitar a comunicação, uma vez que, segundo Gieve e Miller (2006:40),

[...] nossas vidas não terminam ao ingressarmos em contextos educacionais. Vivemos nossas vidas em salas de aula, tanto quanto fora delas; trazemos nossas identidades para a sala de aula e aí construímos novas identidades locais [...]⁶⁰

A apresentação desse aspirante versava sobre sua banda de música, Verdana, e as fotos certamente trazem sua identidade de músico para a sala de aula, onde ela se mescla à sua identidade local de estudante e futuro oficial de marinha.

Comparando-se a importância atribuída à Pronúncia e às demais áreas nas duas tabelas, percebe-se que em ambas “Conteúdo Interessante” é a área

⁵⁹ Tadeu, apresentação Verdana (39), tema Música, categoria Interesses Pessoais

⁶⁰ “[...] our lives do not end when we enter institutional contexts. We live our lives in classrooms as much as outside classrooms; we bring our identities with us to our lives within the classroom, and construct new local identities [...]”

considerada mais importante, e a única a não ser classificada como pouco importante na segunda. Essa visão mostra-se coerente com a opinião expressa por um dos grupos na discussão preliminar, citada na seção 4.1, segundo a qual uma boa apresentação é “simples (as pessoas compreendem), objetiva (contém apenas informação relevante), útil (tem aplicação prática) e interessante (prende a atenção de quem assiste)”.

As duas outras áreas assinaladas como importantes não apresentam a mesma consistência, se analisadas as duas tabelas. Uma delas, Pronúncia Correta, dividiu bastante a opinião dos aspirantes, tendo sido assinalada como muito, medianamente e pouco importante em números aproximados de respostas, a saber, 16, 12 e 14, respectivamente, o que pode remeter à já discutida importância atribuída às imagens. As respostas relativas à outra área, Impacto Visual, certamente demonstram que os aspirantes não se mostram indiferentes a ela, pois foi citada como mais importante e menos importante em exatamente o mesmo número de respostas. Além de indicar a diferença de opiniões, o fato de essa área ser considerada pouco importante por vários aspirantes surpreende, principalmente se confrontado com as respostas à sétima pergunta, nas quais as imagens foram consistentemente mencionadas como responsáveis pelo sucesso das apresentações (Seção 4.3.4).

Uma possível tentativa de explicar essa disparidade encontra-se nas palavras de alguns aspirantes que, ao responderem à oitava pergunta, criticaram “muitas animações e cores que às vezes atrapalham a compreensão”⁶¹, o “uso de muitos detalhes, que tira um pouco de atenção sobre o tema”⁶², bem como o “uso de cores ou letras que não permitem compreender o que está sendo apresentado”⁶³. Essas opiniões negativas refletem a voz de Tufte (2004:24), quando este afirma

⁶¹ Lucas, apresentação This is Ibiza (29), tema Mundo, categoria Lugares

⁶² Pedro, apresentação Stock Exchange (34), tema Tecnologia, categoria Interesses Pessoais

⁶³ Romildo, apresentação Welcome to Paracambi, (17) tema Brasil, categoria Lugares

que “o estilo cognitivo de Power Point rotineiramente corrompe, domina e trivializa o conteúdo”⁶⁴.

Outra possível explicação para a pouca importância frequentemente atribuída ao Impacto Visual reside no fato de que esta terminologia se aplica a tudo que é projetado, inclusive textos ou *imagens textuais* segundo Rowley-Jolivet (2002). Uma das críticas mais repetidas é o uso de longos textos, o que “cansa a platéia” e “deixa a apresentação pesada”, no dizer de vários aspirantes. De qualquer modo, a suposta pouca importância das imagens realça a importância atribuída à desenvoltura do palestrante. Nas palavras de Neymar, autor de *The Internet in Brasil*⁶⁵, “na apresentação [...] eu pude experimentar o uso do inglês de uma forma mais preocupada porque havia a necessidade de me fazer muito bem entendido no assunto geral”. Como já anteriormente dito, a desenvoltura e a postura firme são características valorizadas na comunidade de prática da Escola Naval.

As duas outras áreas, Correção Gramatical e Vocabulário Adequado, foram as mais repetidamente citadas como medianamente importantes. Foram também as duas áreas menos vezes citadas como pouco importantes, o que poderia sugerir a interpretação de que gramática e vocabulário, em sua capacidade de conjunto de regras e de palavras, constituem a base da estruturação do discurso e têm, portanto, sua importância implicitamente reconhecida, sem haver necessidade de destaque. Ocorre, entretanto, que somando-se o número de vezes em que cada uma foi citada como mais importante ao número de vezes em que foram citadas como medianamente importantes, verificamos que Vocabulário Adequado é, em geral, o principal alvo de preocupação. Coerentes com essa preocupação, as respostas à última pergunta revelam, como se verá na Seção 4.3.5 deste capítulo, que na visão dos aspirantes o trabalho de produzir e conduzir uma apresentação teve como um dos principais ganhos lingüísticos o aprimoramento do vocabulário em língua inglesa.

⁶⁴ “Yet again and again we have seen that the PP cognitive style routinely disrupts, dominates and trivializes content.”

⁶⁵ Apresentação 35, tema Tecnologia, categoria Interesses Pessoais

4.3.3 Preparação e execução das apresentações

As perguntas quatro, cinco e seis remetem à preparação e execução das apresentações, e convida à reflexão a respeito de possíveis dificuldades encontradas. Com relação à preparação, a Tabela 5 ilustra os métodos empregados:

Preparação	
Roteiro em papel, depois slide	9
Copiar/colar direto da Internet	8
Escrever direto no slide	33
Uso de scanner	1

Tabela 5 – Métodos de preparação das apresentações

Os números comprovam que o método de preparação preferido pelos aspirantes foi, sem dúvida, produzir o texto diretamente nos slides. Esse dado se alinha com a resposta dada com maior frequência à segunda pergunta, discutida na subseção 4.3.1, ou seja, assim como os aspirantes declararam ter adquirido familiaridade com o programa através de experimentação, da mesma forma experimental eles produzem o trabalho que será apresentado. Apenas nove dentre eles recorreram ao uso de roteiro para organizar a produção, um dos quais, o aspirante Mauro⁶⁶, autor da apresentação Parintins, anexou o roteiro em forma digital aos slides.

Quanto a “Copiar/ Colar” direto da Internet, essa opção foi sempre escolhida conjuntamente com preparar roteiro ou escrever no slide, e a interpretação mais provável é que a ação se refira às imagens escolhidas, já que a análise dos slides mostra que a maioria dos textos foi digitada. Convém lembrar que preparar roteiro se aplica quase que exclusivamente à estruturação do conteúdo, pois a parte visual da apresentação requer a manipulação do programa Power Point, quer o autor use um modelo pré-definido ou um modelo personalizado. Fica claro, portanto, que a experimentação desempenha importante papel no desenvolvimento da competência genérica multimodal necessária à produção de uma apresentação utilizando o recurso Power Point.

⁶⁶ Apresentação 18, tema Brasil, categoria Lugares.

O outro recurso digital sugerido, o uso de scanner, foi citado apenas pelo aspirante Batista, o autor de Comandos Anfíbios⁶⁷. Sua apresentação é inteiramente constituída de fotos copiadas de publicações da Marinha do Brasil, sobre as quais o aspirante inseriu seu texto. Como se discutirá no Capítulo 5, trata-se de uma apresentação personalizada, com slides construídos um a um. A Figura 7 ilustra uma situação em que o texto, a prece regularmente feita pelos integrantes dessa divisão da Marinha, não foi digitada, sendo parte integrante da imagem retirada da publicação.



Figura 7 – Comandos Anfíbios, Slide 9

É preciso ressaltar que, além dessa apresentação, outras também fizeram uso de imagens digitalizadas com uso de scanner, como se verá no Capítulo 5. O diferencial consiste no fato de que Comandos Anfíbios foi inteiramente assim produzida, enquanto as demais utilizaram o recurso esporadicamente. O uso do scanner torna o processo de construção de slides mais demorado e laborioso, uma vez que, diferentemente da ação objetiva de “copiar/colar” da Internet, é preciso digitalizar as imagens desejadas, salvá-las em arquivo e só então copiá-las para o slide. Talvez por isso o processo não tenha sido usado com mais frequência.

Com relação à quinta pergunta, que enfoca a maneira como a apresentação foi conduzida, a Tabela 6 ilustra os diferentes métodos utilizados:

Execução	
Ler diretamente do slide	4
Dirigir-se à platéia e projetar, ao mesmo tempo	22
Dirigir-se à platéia, depois projetar	7
Exibir os slides, depois comentar	16

Tabela 6 – Métodos de conduzir as apresentações

⁶⁷ Apresentação 6, tema Marinha, categoria Vida Militar.

Os números indicam uma preferência pela exibição dos slides acompanhando a fala do apresentador, o que ocasiona o estímulo simultâneo de dois sistemas sensoriais de processamento de dados, a visão e a audição. Segundo Mayer,ES se estímulo simultâneo está ligado à perspectiva sensorial da multimodalidade, a qual é “centrada no aprendiz, pois leva em consideração sua capacidade de processamento de informação”⁶⁸ (MAYER, 2001:7). Os aspirantes parecem ter-se dado conta, ainda que intuitivamente, tanto da relevância dessa estimulação como da capacidade intrínseca de aproximação proporcionada por fotos pessoais, como discutido na subseção 4.3.2. Nas palavras de Alberto, autor de Brasília⁶⁹,

A apresentação do trabalho com PPT contribuiu muito para poder ilustrar sobre o tema que eu falava e fazia os espectadores entenderem melhor. Numa próxima oportunidade eu colocaria mais fotos tiradas por mim mesmo, e não fotos de Internet.

O uso de imagens para complementar a fala parece largamente aceito pelos autores das apresentações, e há, como dito acima, a tendência ao uso simultâneo de ambas. Entretanto, quando se trata de escolher uma sequência para fala e exibição de imagens, pode-se observar uma clara preferência para exibir primeiro e comentar depois. Essa escolha parece reforçar a noção de que as imagens constituem, em si, um texto, e seu uso diminuiria a necessidade de fluência verbal. Nesse sentido, os aspirantes menos seguros quanto à produção oral dariam preferência a essa modalidade de condução e apenas os mais fluentes concentrariam seus esforços na parte puramente verbal do discurso. Esse ponto foi, aliás, objeto de comentários durante a discussão posterior às apresentações, relatada na seção 4.2 deste capítulo, tendo um dos membros do grupo M declarado que “O PPT dá uma segurança a mais – palavras chaves. Para quem assiste e para você. Se você esquecer pode “cartear” em cima daquilo ali”, com o que um colega concordou: “É, as figuras dão segurança. Em inglês eu não ia “cartear”. Sabendo-se que no linguajar da Escola Naval “cartear” significa

⁶⁸ This view is learner-centered because it takes the learner’s information processing activity into account.

⁶⁹ Apresentação 15, tema Brasil, categoria Lugares

improvisar ou elaborar sobre um tema, fica bastante clara a relevância das imagens – pictóricas ou textuais, para suprir deficiências lingüísticas.

Entre os autores que se sentem mais seguros no domínio do idioma estrangeiro a reação é bastante diferente. Por exemplo, André, autor de The US Navy⁷⁰, declarou que “a apresentação em PPT não contribuiu tanto como eu esperava, porque os slides **foram o que menos importava** (grifo meu), o que contou no speech (sic) foi o discurso em inglês”. Benedito, autor de Oslo⁷¹, reitera a importancia da parte verbal do discurso, dizendo que “para poder realizar uma melhor apresentação seria necessário ensaiar mais e decorar a apresentação toda, **de forma que não haja enganos com relação ao fluxo da fala** (grifo meu)”.

É interessante notar que dois aspirantes assinalaram mais de uma opção ao responderem sobre como conduziram a apresentação. O autor de Egypt⁷² alternou sua forma de conduzir entre “falar, depois projetar” e “exibir, depois comentar”. Seus comentários na última pergunta mostram que, de uma forma ou de outra, o aspecto mais valorizado é o envolvimento dos espectadores, ou seja, “a possibilidade de introduzir tópicos que façam lembrar os assuntos que serão abordados”. Quanto ao autor de Belo Horizonte⁷³, este assinalou as tres primeiras opções, o que indica o uso de técnicas variadas. Sua resposta à última pergunta, entretanto, revela sua insatisfação com uma delas: “[...] mudaria alguns aspectos, do tipo: não colocar textos muito grandes nos slides, alterando para pequenas frases com palavras chave”, reação que reflete a rejeição a textos longos nos slides, evidenciada nas diversas etapas da pesquisa. Outra prática repetidamente criticada, a leitura direto dos slides, foi abertamente rejeitada nas respostas dos aspirantes, tendo sido assinalada apenas quatro vezes, uma das quais em conjunto com outras técnicas, como descrito acima.

As respostas à sexta pergunta constituem uma reflexão sobre possíveis dificuldades enfrentadas no processo de preparar e conduzir uma apresentação em

⁷⁰ Apresentação 7, tema Marinha, categoria Vida Militar

⁷¹ Apresentação 27, tema Mundo, categoria Lugares

⁷² Apresentação 23, tema Mundo, categoria Lugares

⁷³ Apresentação 14, Tema Brasil, categoria Lugares

inglês. Excetuando-se os cinco aspirantes que declararam não terem encontrado dificuldade alguma, as respostas ilustradas na Tabela 7 revelam a importância atribuída à imagem projetada pelo palestrante, uma vez que para a maioria dos aspirantes o mais difícil foi “ficar de pé e dirigir-se à turma”.

O que foi mais difícil	
Ficar de pé e falar à turma	20
Pesquisar sobre o tema	11
Outra coisa	8
Nada	5

Tabela 7 – Dificuldades encontradas ao conduzir as apresentações

Essa resposta demonstra a percepção da necessidade de estabelecer o que Goffman chamou de simetria do processo de comunicação. Segundo ele,

[...] quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. [...] Ocasionalmente expressar-se-á intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer esse tipo de expressão [...] Os outros, por sua vez, podem ficar convenientemente impressionados pelos esforços do indivíduo em comunicar-se, ou podem não compreender a situação [...] Em todo caso, na medida em que os outros agem como se o indivíduo tivesse transmitido uma determinada impressão, podemos considerar que o indivíduo projetou uma certa definição da situação e promoveu a compreensão [...] (1989:15-16)

A pretendida simetria do processo de comunicação pode ser interpretada como um envolvimento efetivo de todos os participantes do evento, mas é preciso levar-se em conta que num ambiente militar a firmeza de postura e a eloquência são altamente valorizadas, como expressa o aspirante Zeus⁷⁴, autor de *The Syndrome of Foreign Accent*, ao dizer que Power Point “dá dinamismo à apresentação e **apoio para a análise de dados do apresentador** (grifo meu). Provavelmente, durante a carreira de oficial será muito importante o domínio deste recurso”.

Além dessa preocupação com a projeção do eu, vários aspirantes indicaram ser a pesquisa sobre o tema escolhido a parte mais difícil do processo. Entre eles, o autor de *Japanese*⁷⁵, que declarou ter aprendido “muito mais sobre o tema que

⁷⁴ Apresentação 37, tema Linguagens, categoria Interesses Pessoais

⁷⁵ Apresentação 36, tema Linguagens, categoria Interesses Pessoais

sobre inglês, embora [a apresentação] tenha me trazido excelentes subsídios para comparar a formação das diferentes línguas”. As demais dificuldades declaradas foram linguísticas, como “utilizar o vocabulário novo” e “pronuncia”, ou organizacionais, como “passar informação em curto tempo”. Considerando-se que mesmo essas dificuldades podem ser associadas à situação de “ficar de pé e dirigir-se à turma”, o ponto central da questão parece realmente ser a interação entre os participantes. Considerando uma visão pós-moderna do conhecimento, Holliday afirma que práticas e tecnologias refletem “sistemas de idéias que influenciam crenças, interesses e ações dos grupos sociais”⁷⁶ (2006:47) .

4.3.4 Motivos de sucesso e críticas ao uso de Power Point

As respostas à sétima pergunta estão representadas no Gráfico 4 e ilustram a importância relativa dos diferentes recursos disponíveis no programa Power Point no sucesso das apresentações.

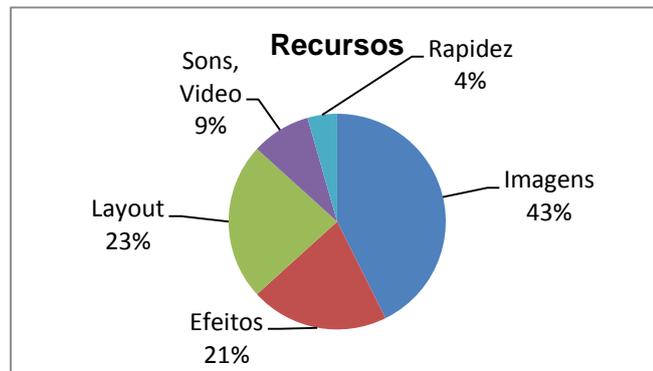


Gráfico 4 – Recursos que mais contribuem para o sucesso das apresentações

Como se pode notar, as imagens são consideradas o fator predominante de sucesso, de acordo com a opinião de 43% dos aspirantes. Se forem também somados os valores atribuídos aos efeitos de transição de slides ou inserção de figuras ou texto, e aos elementos de layout do slide, tais como plano de fundo, disposição de texto e figuras, teremos um total de 87%, o que confirma a

⁷⁶ “[...] practices and technologies *are* embedded in in ideologies – systems of ideas that influence beliefs, interests and actions of social groups.”

centralidade do papel desempenhado pela visão na cultura ocidental moderna ao qual que se refere Rose (2001). Esse dado é ressaltado pelo fato de que o pequeno percentual de aspirantes que indicou a interatividade como fator de sucesso, o fez com relação a música e também vídeo, ou seja, mais uma referencia ao elemento visual.

Considerando-se que as apresentações foram produzidas e apresentadas entre colegas que compartilham experiências e interesses, parte desse sucesso pode ser explicada em termos da sintonia estabelecida entre autores e espectadores. Segundo Sturken e Cartwright,

[...] uma imagem “fala” a determinado grupo de observadores que estejam ligados a algum aspecto dessa imagem, tal como o estilo, o conteúdo, o mundo por ela construído ou as questões por ela levantadas. [...] Da mesma forma que os espectadores constroem significado a partir das imagens, também essas moldam as platéias (2001:45)⁷⁷.

Quanto às críticas ao programa, é interessante notar que houve várias abstinências de resposta e a expressão “nenhuma crítica” foi a mais repetidamente usada. Tal atitude pode ser atribuída, talvez, a uma falta de familiaridade com o programa, o que afetaria a capacidade de avaliação dos participantes. É também possível que a resposta à pergunta anterior, com a ênfase dada ao impacto positivo das imagens e efeitos apresentados, tenha, de certa forma, minimizado as restrições percebidas.

Os elementos efetivamente mencionados como negativos refletem o repúdio à inclusão de textos longos nos slides e à leitura direto do slide, ambas atitudes já mencionadas em outras seções deste capítulo. Essa reação pode ser explicada em termos da relação estabelecida entre modo e realização de significado, a que se refere Kress:

⁷⁷ “[...] an image “speaks” to specific sets of viewers who happen to be tuned in to some aspect of the image, such as style, content, the world it constructs or the issues it raises . [...] Just as viewers create meaning from images, images also construct audiences.”

Uma abordagem multimodal às formas de representar oferece uma escolha de modos. Dependendo dos requisitos retóricos e dos meios envolvidos, há diferentes possibilidades [...] escrita, imagem, imagem em movimento ou fala? A existência de tal escolha revela que ‘sentido’ só ‘existe’ se for materializado, realizado como um determinado modo ou conjunto multimodal (2009:93)⁷⁸.

Como uma apresentação constitui um gênero híbrido que faz sentido ao enfatizar a expressão oral além de, habitualmente, fazer uso do entrelaçamento de diferentes modos, a predominância do modo escrito causa estranheza e rejeição. Ainda nas palavras de Kress,

Uma vez que uma determinada forma de ‘fixar sentido’ tenha se tornado habitual – quer em imagem ou forma escrita – é provável que o mundo representado por meio desses modos e gêneros passe, cada vez mais, a ser visto ‘naturalmente’ dessa forma (2009:95)⁷⁹.

As respostas dos aspirantes, bem como suas considerações durante as duas fases de discussão, certamente deixam claro que texto escrito projetado e leitura em voz alta ao invés de elocução não constituem o desempenho esperado de um bom palestrante, e, dessa forma, não logram êxito em sua tentativa de “fixar sentido” ou estabelecer comunicação eficaz. O aspirante Teixeira⁸⁰, por exemplo, afirma que “em palestras que todo o conteúdo está no slide, o apresentador se torna ‘inútil’”, e o aspirante Selmo⁸¹ reitera a necessidade de estabelecer interação com a plateia, lembrando que “[PPT] é apenas um recurso, e não uma bengala. Não projetar e ficar lendo – nesse caso, prefiro ler um livro”. Nesta fala é interessante notar o uso da palavra “bengala”, por definição um bastão sobre o qual se apóia a mão ao andar, mas que traz, contudo, a conotação de acessório usado pelos idosos, doentes ou portadores de deficiência para poder se manter em pé. Com base nessa conotação, é lícito supor que a crítica se dirige ao uso de textos nos slides para suprir uma deficiência na habilidade de explicar uma

⁷⁸ “A multimodal approach to representation offers a choice of modes. Depending on the rhetorical requirements and the media involved, there are different possibilities [...] writing, image, moving image or speech. The existence of such choice reveals that ‘meaning’ does not ‘exist’ other than when it has become materialized, realized as mode or as a multimodal ensemble.”

⁷⁹ “Once a particular means of ‘fixing meaning’ has become habitual – whether in image or in writing – it is likely that the world represented through these modes and genres comes, ever more, to be seen like this ‘naturally’.”

⁸⁰ Apresentação Manaus (16), tema Brasil, categoria Lugares

⁸¹ Apresentação CCTV (32), tema Tecnologia, categoria Interesses Pessoais

situação oralmente. Em outras palavras, um apresentador incompetente só levaria sua apresentação a cabo com o apoio, ainda que virtual, dos textos projetados.

Portanto, podemos concluir que as respostas a esta e às demais perguntas indicam repetidamente a importância dada às oportunidades de interação e à maneira segura e confiante de conduzir o discurso. Essas noções são expressas pelo aspirante Lucas⁸² em sua avaliação final da experiência, ao dizer que o aspecto que o deixou mais satisfeito foi “**poder interagir** com a turma, **mostrando um assunto que eu dominava** (grifo meu)”.

4.3.5 Avaliação final

O último item do questionário propõe aos aspirantes “uma avaliação final da experiência”, ou seja, uma oportunidade de, mais uma vez, refletir sobre o trabalho realizado com o recurso digital Power Point e sobre sua condição de estudantes de inglês. A pergunta foi dividida em três partes, de modo a ensejar que expressem os aspectos que os deixaram mais satisfeitos em todo o processo, o que fariam diferente numa próxima oportunidade, se tal fosse o caso, e também que avaliem os possíveis impactos da experiência no processo de aprendizagem da língua estrangeira, se é que os houve.

As reações à primeira parte da pergunta foram bastante variadas, indicando diferentes fontes de satisfação pessoal. É possível, entretanto, discernir entre as respostas uma tendência a valorizar alguns aspectos, como ilustrado na Tabela 8:

Motivos de satisfação	
Despertar interesse / chamar a atenção dos espectadores	14
Utilizar imagens para conduzir a fala	12
Comunicar idéias / expressar-se em público	9
Desenvolver a habilidade de usar o programa	8
Outros	8

Tabela 8 – Motivos de satisfação ao produzir e conduzir a apresentação

⁸² Apresentação This is Ibiza (29), tema Mundo, categoria Lugares

A tendência que se mostra dominante é a de valorizar o uso de imagens. Ainda que a reação mais freqüente seja expressa pelas palavras “despertar interesse’ ou “chamar a atenção”, o uso de Power Point é totalmente calcado em imagens, sejam elas figurativas, gráficas, numéricas, ou textuais, no dizer de Rowley-Jolivet. Essa reação, por conseguinte, se mescla à segunda mais frequente, que explicita o “uso de imagens para conduzir a fala”, e, juntas, perfazem 50% do total de respostas.

A outra tendência a ser valorizada é a oportunidade de falar em público, expressando-se com autoridade sobre algum assunto. Como já anteriormente dito, essa habilidade tem reconhecida importância no meio militar, o que transparece nas palavras dos aspirantes Vanderlei⁸³: “esta é uma grande experiência para minha carreira profissional”, e Zeus⁸⁴, segundo o qual, “provavelmente, durante a carreira de oficial será muito importante o domínio deste recurso”.

Aparentemente, a opinião de Zeus é compartilhada por vários colegas, pois outra tendência evidente foi a de encontrar satisfação em “desenvolver a habilidade de usar o programa”. Esse tipo de reação reforça a impressão de que o uso de Power Point em ambientes educacionais está mais associado à expressão dos professores do que a dos alunos, como sugerido na seção 4.3.1 deste capítulo.

Na categoria “Outros” encontram-se reações que, ainda que não muito numerosas, são certamente bastante originais. Alguns aspirantes mencionaram a pesquisa como fonte de satisfação, o que pode ser explicado em termos da liberdade de escolha, e esta aparentemente constituiu uma inovação na rotina de trabalhos a serem apresentados. Os aspirantes Hugo e Meira⁸⁵, por exemplo, respectivamente autores de trabalhos sobre a mitologia nórdica e os mitos sobre a criação do mundo, ressaltaram a importância do “tema livre”, tendo o segundo enfatizado “o prazer em realizar um trabalho exclusivamente seu”.

⁸³ Apresentação If Your Life... (43), tema Medicina e Psicologia, categoria Interesse Pessoal

⁸⁴ Apresentação The Syndrome... (37) tema Linguagens, categoria Interesse Pessoal

⁸⁵ Apresentações Norse Mythology (45) e The Creation of the World (46), tema Religião, categoria Interesse Pessoal

Também houve menção ao “dinamismo” possibilitado por Power Point – o que pode ser interpretado em termos de transição de imagens e de efeitos visuais, e do estímulo à criatividade. Como se verá no Capítulo 5, de fato houve preferência por slides personalizados, inteiramente construídos pelos autores, em relação aqueles cujo layout é pré-definido pelo programa. Bernardo, autor de *The Northeast Sertão*⁸⁶, junta duas características e afirma que “a apresentação de slides no Power Point contribuiu para aumentar o poder de criação, além de poder explicar um tema de interesse do aspirante para toda a turma”.

Houve ainda um caso isolado de autocrítica negativa, em que o aspirante reconhece não ter sido boa a apresentação – “fiquei nervoso, não consegui pronúncia adequada”, diz ele, e prossegue afirmando que numa próxima oportunidade “estudaria mais vocabulário e pronuncia”. Reação semelhante à segunda parte da pergunta foi expressa por outros aspirantes que sentiram a necessidade de “ensaiar mais”, “melhorar a parte oral” ou “melhorar o desenvolvimento do texto”. Nessas respostas transparece a percepção de que o resultado apresentado não foi tão bom como os autores esperavam, principalmente no que diz respeito à expressão oral.

É interessante também notar que alguns aspirantes mencionaram acrescentar “curiosidades sobre o tema” ou “algo que convide à reflexão”. Uma possível interpretação para esse comentário é que as apresentações que de fato o fizeram foram consideradas bem sucedidas e dignas de servirem de modelo para futuras experiências.

Além desses comentários, as demais mudanças sugeridas apontam para “menos texto nos slides” e “mais fotos e vídeo” ou “mais efeitos”.

A última parte da pergunta, relacionada à aprendizagem de inglês como língua estrangeira, evidenciou uma divisão de opiniões entre as áreas de “vocabulário” e “desenvolvimento oral”, com maior número de referências à primeira, como se pode ver na Tabela 9.

⁸⁶ Apresentação 22, tema Brasil, categoria Lugares

Aprendizado	
Vocabulário	20
Desenvolvimento oral - pronúncia	3
Desenvolvimento oral - fluência	9
Outros	10

Tabela 9 – Impacto da experiência no aprendizado de inglês

A escolha dessas áreas como foco de maior aprendizado ao longo de toda a experiência parece refletir a importância geralmente a elas atribuída pelos aprendizes. Com relação ao vocabulário, a preparação de uma apresentação possibilitou a pesquisa de itens lexicais diretamente ligados às necessidades de cada um, e o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem que as satisfizessem. Como sugere Ur (1996:67),

Uma estratégia considerada útil por um aprendiz pode ser totalmente inútil para outro. Não podemos, é claro, ensinar uma turma inteira de um modo que se adequa às estratégias de todos, mas podemos encorajar cada um a descobrir o que funciona para ele e então abordar a tarefa da maneira mais apropriada⁸⁷.

No que diz respeito à produção oral, as respostas indicam a percepção de aperfeiçoamento da pronúncia e aumento da fluência, o que se alinha com a já mencionada importância atribuída a “comunicar idéias” e “expressar-se em público”. Essas noções mais uma vez refletem o pensamento de Ur, segundo o qual, das quatro habilidades, falar parece intuitivamente a mais importante. Ur acrescenta que “nós nos referimos a alguém que sabe uma língua como a um ‘falante’ dessa língua, como se o falar incluísse todos os outros tipos de saber⁸⁸ (1996:120)”. Ao privilegiar vocabulário e expressão oral, portanto, os aspirantes estão claramente priorizando fluência verbal, muito mais do que correção gramatical, que, aliás, foi mencionada apenas uma vez como tendo sido aprimorada durante o processo.

⁸⁷ “[...] a strategy found useful by one learner may be quite useless to another. We cannot, of course, teach a whole class in a way that will fit every student’s learning strategies! – but we can encourage individual students to find what ‘works’ for them and to approach a learning task in an appropriate way.”

^{88c} “People who know a language are referred to as ‘speakers’ of that language, as if speaking included all other kinds of knowing.”

As outras áreas mencionadas, “motivação para buscar informação em inglês”, “tornar o inglês mais acessível”, e “sair do ambiente teórico para a prática efetiva”, sugerem, particularmente a última, a importância das oportunidades de aprendizagem, através das quais os estudantes se apropriam da língua estrangeira para com ela expressarem suas idéias e compartilhem experiências.

De um modo geral, as respostas ao questionário refletem a percepção que os aspirantes têm das variáveis constituintes do gênero “apresentação em sala de aula de língua estrangeira”, ou seja, a compreensão de que este gênero se trata, na terminologia de Bazerman (2005), de um fenômeno de reconhecimento psicossocial que é parte de um processo de atividade socialmente organizada. Para o autor,

Levar em consideração o sistema de atividades junto com o sistema de gêneros é focalizar o que as pessoas fazem e como os textos ajudam as pessoas a fazê-lo [...] Na esfera educacional, a atividade dirige seu foco para questões tais como: de que forma os alunos constroem conceitos e conhecimentos através da resolução de problemas; como atividades institucionais viabilizam a construção do conhecimento e oportunidades de aprendizagem; e como, e com que propósitos, as habilidades dos alunos são avaliadas (2005:34).

No contexto desta pesquisa, o processo de preparação e condução de uma apresentação em Power Point constituiu o problema cuja resolução ofereceu aos aspirantes oportunidades de aprendizagem e permitiu a construção de conhecimentos relacionados à manipulação do programa, ao conteúdo abordado, à forma linguística, e à interação com os colegas.